

Documenta

**IAGO**

**Metadrama para quatro figuras e coro**

Marcus Mota

# IAGO

## Metadrama para quatro figuras e coro<sup>1</sup>

marcus Mota

### ELENCO

ATOR A, QUE FAZ IAGO, a maldade confusa que aos poucos se manifesta, mas somente pela ação dos outros. A persuasiva voz.

ATOR B, QUE FAZ CÁSSIO, o homem comum na hora e no lugar errados.

ATOR C, QUE FAZ OTELO, espada por espada, braço por braço, arrastando homens e mulheres sem saber para onde.

ATRIZ D, QUE FAZ DESDÊMOMA, o fim do ciclo, a tentativa de romper com o fascínio que a violência causa.

CORO, a cada momento, uma reação.

Cenário de guerra. Cercas de arame, trincheiras e metais retorcidos. Corpos de soldados mortos espalhados. Encenação do fim (adaptado) de Otelo, de W. Shakespeare.

(Sob a melodia da Canção do Sicômoro, o público entra<sup>2</sup>. Otelo afastado um pouco da esposa morta, Desdêmona. Após, entra o Coro armado e ameaçador. Otelo empunhando a espada em resposta:)

### OTELO

Olhem: estou armado!

E uma melhor que esta nunca esteve  
com melhor soldado. Já aconteceu

de com este braço e esta espada  
abrir caminho através de obstáculos

vinte vezes maiores. (Desistindo de lutar, vendo a inutilidade de sua ação) Mas prá quê?  
Destino sem controle! Agora eu sei...

Não fiquem com medo, (para a espada) mesmo com isso...

(Contracena com a espada, até chegar à ponta dela.)

Aqui é o fim da minha viagem, o fim...

ponto extremo onde meu barco chegou.

1 Escrito em 2005. Estréia no CCBB-Brasília, durante a mostra teatral *A experiência da cena*, em fevereiro de 2006.

2 Partitura em anexo, ao fim da peça. Canção de Desdêmona, baseada na Canção do Sicômoro.

Não recuem: o medo é inútil.  
Apontem um dedo contra Otelo  
e ele recua. Pró onde eu iria ?  
(Olha para a mulher morta)  
E tu, vagabunda azarada, e tu?  
Pálida como tua camisola!  
Co' esse rosto, no juízo final,  
vai lançar prá fora do céu minha'alma  
e demônios vão me possuir. Frio,  
muito frio sinto... como tua pureza...  
Ah, desgraça: me espanquem, demônios!  
O céu não, não! Tempestades me levem!  
Que eu asse no enxofre! Me afoguem no inferno!  
Ah, Desdêmona! Morta. Morta. Não!  
Ah não, não, não!  
(Entrando outra parte do Coro trazendo Iago preso. Cássio lidera este Coro. Cássio está ferido, fraco.)

146

Documenta

CÁSSIO

Onde está o louco, o desgraçado?

OTELO

Aqui. Aquele que era Otelo...

CÁSSIO (Mandando trazer Iago para frente.)

O traíra: tragam o vilão prá cá!

OTELO (Olhando para o chão, para os pés de Iago.)

É lenda. Não vejo nada que lembre  
o diabo. Então posso te matar.(fere Iago com a espada)

CÁSSIO (Para o Coro)

A espada! Tirem!

IAGO

Ferido... mas vivo.

OTELO (Seguro por parte do Coro.)

Bom! Muito bom! Eu te quero assim.

Prá ti a morte é coisa nenhuma.

CÁSSIO

Ah, Otelo, tu que já foi alguém,  
se deixar levar por esse bandido!

O que dizer...

OTELO

Diz o tu que quiser...

Que eu sou um assassino honrado, é,  
Fiz tudo pela honra, sem impulso.

CÁSSIO (apontando para Iago)

Esse infeliz já confessou sua parte.  
Então vocês estavam juntos nisso?

OTELO

É.

CÁSSIO

Mas por quê, general, qual a razão?

OTELO

Agora eu sei. Não mereço perdão.  
Mas suplico: perguntem para o demônio  
aí por que ele fez isso comigo.

IAGO

Não me perguntem nada. O que foi, foi.  
A partir de agora, não falo mais.

OTELO (Em revolta, mas contido pelo coro)  
Desgraçado! Desgraçado! Vilão!

CÁSSIO (para Otelo)

O senhor deve deixar esse quarto!  
Já! Seu poder e comando não mais  
lhe pertencem. (Para Iago) Quanto a esse bandido,  
se houver tortura cruel e engenhosa  
que o atormente por muito, muito tempo,  
que seja assim. Vamos, vamos embora.  
(Empurra Otelo) Será tratado como criminoso.

OTELO

(Interrompendo sua saída)  
Por favor, esperem: quero falar.  
Eu servi ao Estado, todos sabem.  
Mas... isso não. Suplico aos senhores  
Que quando relatarem o que eu fiz,  
contem tudo. Não atenuem nada.

Mas não se excedam. Falem sem maldade de alguém amou demais, e sem pensar; que não tinha ciúmes, mas, enganado, perturbou-se ao extremo; e co'as mãos jogou fora uma jóia tão rica, a mais preciosa. Falem de seus olhos que antes nunca mostrando comoção, agora se derramam em mil lágrimas. Contem tudo isso, e escrevam. E não deixem de contar que uma vez em viagem, quando eu vi um bandido espancando um cidadão e xingando nosso Estado, eu peguei pelo pescoço o cachorro miserável e o matei assim: Ah... (Otelo se mata com sua espada)

CÁSSIO

Que final sangrento! Nada mais resta!

OTELO

(Para a mulher)

Antes de te matar, eu te beijei.

Agora morro e te beijo outra vez.

(Cai sobre a mulher. Todos observam os mortos. Aos poucos, parte do coro faz um círculo em volta dos cadáveres e a outra parte sai com Iago que é empurrado com violência, tendo seu rosto encoberto por um capuz de enforcamento. Pano. Cena se esvazia. Após alguns instantes, entra o ator que desempenhou o personagem Iago. Ele chega sob o som estridente de aplausos. O ator chega cambaleante, as mãos em seu flanco esquerdo segurando uma ferida mortal que sangra. Ele atira-se para uma poltrona mais à frente do palco, pega um controle remoto e fixa o olhar nos espectadores. Após reclamar de dores, começa a falar. Enquanto fala, entra o ator que desempenhou o papel de Miguel Cássio. Enquanto Miguel Cássio ajuda Iago quanto ao figurino e maquiagem, entram felizes, mais ao fundo, os atores que desempenham Otelo e Desdêmona.)

ATOR A, QUE FAZ IAGO

Ah, desgraçado! Desgraçado!

ATOR B, QUE FAZ CÁSSIO

Calma! Deixa eu ver?! (Mexendo nas roupas de Iago).

A

Ai! Tire a mão daí. Quer me matar também?

B

Só quero ver o que aconteceu. A armadura: tire!

A (Empurrando)

Sai daqui! Fique longe de mim!

B (Tentando tirar a armadura)

Deixe eu te ajudar. Levante os braços!

A (A armadura sendo tirada)

Não! Ai, bem aí, bem aí! Ele me acertou de propósito, viu?! De propósito!

B

Calma! Desse jeito...

A

Olha esse corte! Ele podia ter acabado comigo!

B ( Tirando as roupas de Iago, com cuidado.)

Não sei porque tanta roupa em cima da gente!

A

Ai, seu idiota! Cuidado!

B (Desanima. Deixa de fazer o que está fazendo.)

Já tá exagerando! Não foi nada. Passou de raspão.

A

Não foi nada, é? Não foi nada? Vocês sempre desculpando o coitadinho, o desgraçado ...sempre...

B (Se limpando. O sangue.)

Eu? Que que eu tenho a ver com isso!

A

(Se vestindo novamente sozinho) É muito perigoso ser Iago! Alguém precisa fazer alguma coisa!

B

Quer o meu papel? O de Otelo? Ou o de Desdêmona?(rindo)

A

Sai, sai. Prá variar, você não está entendendo nada, nada.Como sempre.

B(Voltando-se)

Como assim?! O que você tá inventando agora?

A (como se tivesse uma platéia.)

Não foi o que eu disse? Você não consegue entender nada mesmo!

B

Olha, todos conhecem essa peça!

A

As coisas pioraram... Iago ser ferido é uma coisa que assusta.

B

Quem?

A

Aquele desgraçado! E você, um idiota!

B

Não vai me dizer que você tá com medo?! Um simples acidente e ...

A

(Procurando se erguer e se afastar de Cássio) Acidente? Olha, você está cada dia mais parecido com Cássio: é apenas alguém que não sabe, que continua sem saber.

B

Mas você tá falando sobre o quê, afinal?! Fala!

A

As coisas aí bem na sua frente e você nada!!! Nada!!!

B

Eu vi a cena! Eu estava lá! Ele fez o que tinha de fazer! Só isso!

A

Então você acha que foi só isso? Que o desgraçado do coitadinho...

B (Sem paciência)

Mas qual é esse novo imenso mistério que ...

A

O que você acha, heim? Que é fácil carregar tudo isso, esse mundo de horror e destruição, assim sem pensar em nada? Por acaso eu sou uma máquina? Um monstro?

B (Tentando mostrar o que aconteceu)

Como é que é?

A (Abraçando Cássio.)

Você quer é que eu te explique as coisas, não é? Que eu te mostre tudo, tudo o que realmente estamos fazendo aqui noite após noite?! Pois eu vou fazer isso, meu amigo. Eu

posso fazer isso por você. Vou dizer tudo o que você precisa saber. E depois quero ver quem se atreve a dizer que o meu papel é o de um simples vilão.

**(Entram 'Otelo' e 'Desdêmona' aos beijos)**

ATOR C, QUE FAZ O PAPEL DE OTELO

Olha só como já estão amiguinhos! É o novo casal da peça!

ATRIZ D, QUE FAZ O PAPEL DE DESDÊMONA.

Shakespeare é cheio de surpresas!

C (Vira-se e depois da fala beija a mulher, ela meio desconfortável com a situação.)

O espetáculo continua noite adentro, noite afora. (Ele se esforça em mantê-la junto a si, de seu abraço.) Enquanto ele se ocupa em acabar com o mundo, a gente...

D (afastando-se um pouco.)

Alguém precisa fazer o trabalho sujo.

A (para C)

A tua espada está cada vez mais afiada, viu?

C

Então cuidado! E não fique muito perto de mim! E, principalmente, dela!

D

Ele me olha de um jeito... Parece que me vigia, persegue.

C (para A)

Tá ouvindo isso?! tá ouvindo isso???

B (procurando contornar o conflito)

Calma ! Calma! Sem confusão! Tem gente ainda por aí!

A

(Para C. Irônico.) É, você realmente está cada vez mais parecido com Otelo.

C (Para A)

O que tu quer dizer com isso?

A (Para B.)

Não falei?

C (Para D)

O que ele tá querendo dizer?(Sacode a mulher) Me fala, me fala!

D

Eu lá sei!

C (Solta a mulher e vai na direção de A)

Deixa eu te mostrar o que eu acho disso de você ficar olhando prá minha mulher!

D ( cansada, como se estivesse passando um texto já batido)

Sempre faz isso, todo dia a mesma coisa...

B

(Tentando apartar a briga) Vocês estão malucos? Chega disso, ouviram?! Chega!

C

(para B) Me largue! Me deixe acabar com ele.

D

“Honesto Iago”... nunca um texto foi tão mal escrito!

B

Parem com isso! Parem com isso!

(O ator que faz Iago é empurrado por Otelo e vai com desdém para sua poltrona, segurando seus ferimentos entre risos).

152

Documenta

A

“Quando eu não te amar mais, o caos vai ser novamente estabelecido.”

D (Levanta-se do chão.)

Não adianta nada. Olha ele lá!

C (para A)

Escute uma coisa, rapazinho: amanhã, durante o espetáculo, se você se aproximar dela, te prepara: eu vou te pegar na frente de todo mundo, ouviu? Tá me entendendo? Tá avisado: amanhã você não escapa. Amanhã eu acabo com esse tormento! (Saem C e D. C vai puxando D pelo braço com força.)

A (para B)

Você viu o que aconteceu? Viu o que ele fez? É disso que eu estava falando.

B(Tirando o figurino, maquilagem e se arrumando para sair)

Sei, sei. As coisas que só você entende! De novo!

A (típico monólogo)

Não é preciso ser Iago para entender o que está havendo, meu amigo. Eu odeio o mouro e ele me odeia. Nos colocaram juntos nessa peça e, quanto mais o tempo passa, mais eu tenho certeza que não foi uma boa idéia reunir gente assim. Às vezes me falta a maldade necessária para fazer acontecer, de uma vez por todas, aquilo que é inevitável, aquilo que precisa acontecer. E nessa espera, noite após noite, fico pensando porque manter longe algo que eu mesmo, a qualquer momento, posso realizar... Será espada por espada!

B (Enfasiado dos monólogos de Iago)

Vamos beber? Hoje foi difícil acabar. Parecia uma tortura. Cada dia piora, parece que não tem fim. Vamos beber?

A

A noite, meu amigo, a noite. Essa noite é uma noite perfeita para Iago.

( Saem pisando e tropeçando nos corpos deitados no chão. Em seguida, sons distorcidos de uma batalha sangüinária podem ser escutados. Gritos surdos de alguém que é atingido de surpresa por um golpe de espada e não possui a oportunidade de chamar por socorro e vê-se afundar sob a lâmina que abre espaços no corpo atingido que engole qualquer possibilidade de fuga. Ruídos de ossos se quebrando lentamente, até virarem pó. Sons do ferro de espada trançando sua coreografia de embate e relampejar. A batida contínua de graves tambores em ritmo uniforme, pontual, como os passos de algo se aproximando, algo sobre nossas cabeças. Em meio a essa orquestração de uma mítica batalha, começam as vozes humanas, sons sem palavra ou melodia, um suspiro rouco, gutural, como as ondas do mar, indo e vindo, trazendo a memória de almas sem nome e rosto, um só fôlego se formando diante de nós. A partir desse Coro, os corpos mutilados de todas as guerras começam a se levantar, e se colocam em passo de marcha contra a platéia, uma marcha lentíssima, que se avoluma no olhar desses que andam e cada vez mais eliminam qualquer campo de visão do público. Quando não houver mais distância entre a platéia e esse Coro, há um estampido de tambor e flauta trilando bem agudo. O coro cai e ao fundo chegam A e B bêbados, conversando, um amparado no outro. O ator A vai enchendo o copo de B.)

B

Com tanta mulher no mundo você foi logo...

A

Mas ela não é linda, não é? Principalmente por que está com ele...

B

(Meio se afastando) Não entendi! O que você quer dizer com...

A(vai para servi-lo de mais bebida.)

Quando você vê um casal assim tão feliz, não dá a vontade de ir lá e...

B

E o quê?

A

Tu sabe, tu já conhece essa história.

B

Não cara, não sei de nada. Onde tu tá querendo chegar?

A

Olha, pode falar: nunca te deu vontade de saber mais dela? De espiar nas frestas do camarim?

B

Quem? Eu!?

A

Toda noite vocês falando, uma noite dessas vocês juntos... não me diz que nunca pensou nisso!?!

B

Mas... mas...

A

Pode falar. Prá mim você pode dizer tudo. E o que tem de mal nisso - desejar a mulher do cara. Agora é proibido gostar de mulher? Qual o problema? Você pode gostar dela se quiser. Se você quiser, você pode até ficar com ela. Eu não me importo...

B

Mas eu nunca quis nada com ela! De onde você tirou isso. Realmente, ela é muito bonita. Mas entre achar isso e querer algo mais ...

A

E por que não? Só por que não está escrito? Você precisa de alguém prá dizer o que você deve fazer?

B(estendendo o copo)

Eu preciso é beber mais. Com você por perto, eu preciso de mais bebida.

A

“Está em nós ser isso ou aquilo”. Se você quiser, ela é tua. Ela te ama. E não há nada melhor do que isso, o amor de uma mulher noite adentro.

B(Bebendo rindo.)

Não adianta. Você não vai me convencer. E eu vou beber às tuas custas.

A ( Se afastando com a bebida.)

Ah, é insuportável essa tua natureza tão nobre e dedicada! Servo de tudo que já existe!

B(indo atrás de A)

Ei! Pode ir embora mas deixe a bebida!

A (Evitando que B pegue a bebida)

Mas eu te convido a prestar mais atenção nas coisas, a ver mais, a ver melhor. Responde: quando eles, o maldito casalzinho começou a ficar junto?

B

Não sei, não me lembro. Acho que desde os primeiros ensaios.

A

Muito bem. E eles sempre demonstraram “intensa paixão e vontade”?

B

Não, não. Só no começo. Só até a estréia. Me dá, me dá.

A (Dá a garrafa para B.)

E depois? Lembre!

B (Esforço para lembrar)

Com o passar das apresentações ... as coisas se acalmaram ... as carícias foram desaparecendo...

A

E tudo foi ficando frio e vazio – um profundo tédio. Ele cada vez mais violento, viril...

B

É... pode ser... pode ser...

A

Ou seja, antes faziam questão de desfilar essa sujeira por aí, obrigando todo mundo a ser platéia desse horror.

B

Não sei bem... acho que...

A

Cássio, Cássio isso que você imagina ser amor não passa de um parasita, que enxertaram em nós para nos distrair. Meu amigo Cássio: até quando você vai continuar invisível, esquecido atrás de Otelo ?

B(rindo)

Eu quem? O que você...

A

(Puxando o braço de B, trazendo B para junto de si) A mulher, Cássio, tome a mulher e a tua história vai ser diferente. Existem muitas coisas no ventre do tempo esperando ser paridas. Então pegue essa mulher e crave os dentes nela! Você precisa disso hoje, agora. Eles estão jantando perto daqui. Vamos lá acabar com essa farsa! Como eu odeio a mentira!

B

Largue meu braço, seu maluco! Saia de perto de mim!

A

A mulher, Cássio. Você pode, você deve. Nada faz sentido nesse mundo enquanto Cássio não dormir com a mulher de Otelo, pelo menos uma vez. Vamos enxertar um pouco de alegria nessa peça tão insuportável.

B

Me deixe, homem! A espada, ela devia estar envenenada! Eu não vou ser a tua mão! Você deve ter perdido muito sangue!

A(A empurrando B para fora de cena)

O cavalo certo cobrindo a égua certa, o bode velho com os cornos enterrados no chão! O mundo enfim nos trilhos certos!

(O mesmo Coro realiza uma dança burlesca que contém motivos animais e ludibriosos. A personagem que faz Iago atravessa essa paisagem de sátiros abraçado à personagem que faz Cássio, procurando convencê-lo a ousar. Após a saída deles, parte do Coro sai e empurra uma cama com as personagens que fazem Desdêmona e Otelo. A outra parte do Coro continua sua dança. Com a chegada da cama, tudo se suaviza e as feras da noite aplacam seu frenesi. A personagem que faz Desdêmona encontra-se na cama deitada sobre Otelo. )

A ATRIZ D QUE FAZ DESDÊMOMA

(Coloca as mãos na cabeça de C, abraçando o pescoço dele)

Você me ama? Ama de verdade?

O ATOR C QUE FAZ OTELO (Vira-se para ela . Rude.)

Mas por que isso agora?

D

(Descendo as mãos, agora pousando suas mãos nas mãos de Otelo)

Só me responda: você me ama?

C (afastando as mãos dela)

Você tem cada pergunta. E a essa hora da noite...

D

(Vira-se abruptamente. Sentada sobre o ventre de Otelo. Eles frente a frente, olhos nos olhos. Ele vai dizer alguma coisa e ela o interrompe colocando o dedo nos lábio dele. Ele sorri, pensando em sexo. Ele se aproxima mais para beijar, arma o abraço e ela se afasta, erguendo-se e levando consigo o lençol. Usa o lençol para apoiar as referências de sua fala.)

Até o meio do terceiro ato, eu sou bela, linda e você me quer. Há uma noite de núpcias nos esperando. A cama está arrumada, os lençóis limpos e a porta aberta. Mas no quarto ato, você enlouquece. Vem com todo seu ódio prá cima de mim e me esbofeteia sem

razão. E logo depois, no quinto e último ato, enquanto eu dormia em nossa cama, nos mesmos lençóis ainda limpos, a porta aberta, você entra com uma vela na mão em busca de meu pescoço. Você me beija e eu não te reconheço. Diz que vai me matar e eu suplico piedade a Deus, a ti. E você fica me abanando no meu rosto a memória de um lenço. Mas então me mate amanhã, espere mais, ou daqui a meia hora, eu peço, já com o desespero me encurtando o fôlego. E você cala minha boca aos gritos, me xingando de vagabunda, suas mãos fortes e duras encontrando meu pescoço. E não mais há luz ou nada para se ver ou respirar. Tudo enquanto eu dormia. Então você me ama? Isso é o amor de homem? (Ela senta-se no chão e chora. Otelo levanta-se e vai abraçá-la, consolá-la. Ela recusa. Ele continua seu forte abraço, vendo-a assim fragilizada, o corpo aparecendo por entre os lençóis.) Por quê? Por que isso tudo? Primeiro o amor. Depois... As mulheres, elas precisam sempre morrer: asfixiadas, loucas, envenenadas... Primeiro, o amor. E, no fim do amor, o fim do amor, para onde o amor aponta: morte. (Vira-se, fica de frente para ele e fala desesperadamente. Nisso, o Coro começa a fazer um movimento de cerco, o prazer da antecipada dor que a caça acuada sente brilha em seus rostos) E se eu não quiser isso, heim? Tudo bem? Tudo bem se eu não quiser assim, essa desgraça? E se eu não quiser essa morte, essas mãos em volta de minha garganta? Eu posso não querer, posso? Eu posso recusar, fugir, correr, ir embora?! (Para todos no teatro) Ninguém, ninguém vem ajudar quando uma mulher grita. (Olha para ele) O assassino desfila a sua força, na frente de todos. E nada. Ele traz a luz, meu bem, ele invade um quarto que é só dele. Ele te procura e te acha sob o olhar cada vez mais satisfeito da platéia. ( Lança Otelo para longe de si. Ela se joga ao chão chorando. O Coro pega o lençol, cobre-se e prepara-se para cobrir Desdêmona, como um ataque, como sexo. Somente o rosto dela ficará de fora dessa incrível engrenagem.) Então é assim que o homem me ama: com minhas feridas, com meu corpo morto, um nojo - asco e pedra. Até o meio do terceiro ato eu sou bela e linda. E para gozar, você me enche de bofetadas e me quebra inteira (Otelo interrompe a cena, tirando o lençol e abraçando Desdêmona. O Coro sai correndo como se tivesse sido humilhado, descoberto em sua nudez. )

C ( Firme para a mulher, segurando suas mãos.)

Pare com essas coisas e me escute: Eu não sou Otelo, ouviu? Eu não sou Otelo!

D

(Aos prantos) Por que mostrar essas coisas? Prá que fazer um espetáculo disso?! Uma mulher, meu amor, uma mulher... Você me entende? Você consegue...( Entram Cássio e Iago bêbados, como se estivessem debaixo do prédio onde moram Otelo e Desdêmona. Eles chamam Otelo com provocações a respeito de sua virilidade)

C (Se afasta. Vai pegar uma bebida.)

A temporada está acabando. Vamos ver se você...

D

Sabe o que é morrer todo dia ? Todo dia?

C

Você acha que é só com você? Eu também morro no fim.

D

Não, você se mata. É diferente.

C (Bebe. Rindo)

É muito cadáver nessa porcaria

D

Quero saber, me responde (Tira o copo dele):quando você me bate ou me asfixia, o que você sente, heim? O que passa pela tua cabeça? Como você pode não sentir nada fazendo aquilo comigo?

C (pega o copo de volta e se afasta, não olhando Desdêmona nos olhos )

Mas Otelo precisa matar. (Rindo e se servindo mais) Se não fosse assim, não seria Otelo

D

Por isso eu perguntei se você me amava. Se você realmente me amasse, não deixaria nunca isso acontecer comigo.

C (Virando-se, já com um pouco de raiva.)

Mas onde você quer chegar com a merda dessa discussão, heim? onde?

D (se afasta dele)

Justamente nisso. Nisso.

C (Indo atrás dela, com raiva, segurando a bebida e o copo.)

Por acaso você acha que alguém viria aqui para ver o “amor de Otelo e Desdêmona”? Não, não, não. Eles vêm por isso: prá se assegurar que tudo vai acabar mal, como sempre. (O Coro começa a realizar coreografados atos de guerra) Isso é o que fascina: a renovada visão de tudo se destruindo. Ninguém sai de casa para assistir (parodiando)“Você me ama? Você me ama.”. Há coisas melhores para se fazer, meu bem. É... Um soldado sabe a guerra de sua vida. E não há como fugir dela. E estamos em uma época impossível de escapar da guerra.

D(entendendo as coisas)

E mesmo quem não vai prá guerra, quem não luta precisa morrer...

C

Tá começando a entender.

D

Por isso você apenas feriu Iago mas me assassina todo dia.

C (Percebendo o que disse)

Não, não,não: aí é diferente. Você, eu gosto, eu quero de verdade.

D

Sei, sei. Se gostasse...

C

Prá que isso, heim? Prá que essa coisa toda? Você acha que é fácil prá mim...

D

O que prá você?

C

Por acaso você já pensou em Otelo?

D

E você em Desdêmona?

C (Afastando-se, cansado. Sem argumento.Senta-se)

Não há como pensar nela. Mas Otelo... terrível! É terrível!

D

Por quê? Por que com o louco ciumento enganado que mata a mulher é pior?

C

O problema de Otelo não é o ciúme.

D

Ah não é não?!? Olha essa espada! Olha a espada!

C (Vira-se para Desdêmona)

O grande problema de Otelo é a mulher.

D

Como é que é?

C

Sem a mulher, nada disso teria acontecido. Não haveria razão para fazer o que ele fez. Se ela não existisse, todos seriam felizes.

D(surpresa)

Então agora Otelo é um pensador! Essa eu não sabia...então ele não é mais o idiota , o imbecil estúpido que seguiu a voz de outro imbecil? Não é esse que é Otelo? Pois, eu te digo, meu amor, Otelo é mil vezes pior que Iago. E você mil vezes pior que Otelo.

C (Afasta-se de Desdêmona. Não quer olhar o rosto da mulher. Ira!)  
É melhor você parar. Eu não tenho nada a ver com isso. A gente aqui junto e de repente...

D  
Não fuja agora. Eu preciso falar.

C (pensando, de costas para Desdêmona)  
Parece que a gente ainda tem a noite inteira, meu amor, a noite inteira.

(Apaga-se a luz. Em outro lugar ilumina-se a entrada de Cássio empurrado por um Iago completamente possesso e determinado em cumprir a destruição de tudo em volta. Ambos embriagados e cansados de procurar o casal.)

ATOR B QUE FAZ CÁSSIO  
Pare de me empurrar, eu já disse! Pare de me empurrar!

ATOR A QUE FAZ IAGO  
Vamos logo, já estamos chegando.

B  
Você tá falando isso a noite inteira!

A (Pára. Olha em volta.)  
É por aqui. Eles devem estar por aqui.

B  
É o que você disse quando a gente foi atrás deles no bar.

A  
E a gente chegou atrasado. Eu estava certo. Como agora.

B  
Já é tarde. Amanhã tem ensaio e depois espetáculo.

A  
Eles devem estar em casa. Tenho certeza!

B  
Eles é que estão certos. Chega! A caça acabou!

A  
A gente precisa continuar, viu? A gente deve.

B (Interrompendo o empurra-empurra)  
A gente quem? O que eu tenho a ver com isso? Você inventa um negócio, me enfia nele e ainda sou eu quem vai na frente?

A

Pare de pensar e olhe o quanto a gente já avançou. Antes não existia nada, só uma desconfiança. Agora estamos aqui, começo de madrugada, prontos para fazer o que realmente precisa ser feito.

B

Mas que merda essa prá qual você tá me empurrando? Me explica!

A

Não adianta nesse momento dizer tudo. Ouve: depois que a gente fizer, depois que principalmente você realizar, é que tudo vai fazer sentido. Senão, vai parecer apenas alguma coisa entre mim e ele, uma vinganczinha. Todos viram o cara me ferindo com sua espada. Todos viram sua raiva contra mim. Mas isso não importa. Não interessa nada se foi comigo. Essa não é a coisa mais importante. O importante é você...

B

Eu?!!

A

É, você, justamente você, que sempre esteve ali, disponível, sem oferecer resistência ou dificuldade alguma. Você é o melhor nesse caso. Só você pode trazer um benefício para todos os envolvidos nisso. Sem você, nada do que virá terá algum valor. É a coisa mais certa desse mundo. Comigo tudo fica vergonhoso e horrível. Mas com você é a perfeição. Então, por mais que você se violente ou recuse, por mais que você não entenda ou não queira, só você, meu amigo, somente alguém assim como você vai poder completar tudo e movimentar a roda que impulsiona essa engrenagem.

B

(Senta-se e ri de cansaço.)

A

Logo você vai parar de resistir e vai fazer, você vai atingir Otelo, e Otelo vai cair. E tudo fará sentido nessa queda. Vendo o grande homem cair, você vai entender o que eu estou querendo, o que eu estou te ajudando a cumprir. Daí você vai ter, enfim, a mulher, tudo o que você sempre quis. Todos os inúteis dias de sua vida vão ficar prá trás. Por causa da mulher, uma vida inteira se perdeu e uma nova começa bem agora.

B (Mãos na cabeça.)

Pare de falar, por favor. Pare! Fique longe de mim! Chega! Como se fala nessa peça!

A (Levantando o sujeito.)

Cássio, Cássio: levante. Vamos para a casa do mouro, interromper novamente um amor que não se completa. A cama de Otelo vai ser tua. A mulher do outro é nossa companheira. Quando tudo piora é que estamos bem.

B  
Mas... mas..

A  
Não pense em nada. É assim que o mundo avança em seu eixo, caro Cássio. Tudo deve acontecer como foi escrito. Ontem e hoje, a novidade é a mesma espada nessas carnes. Olha como as luzes do apartamento deles ainda não se apagaram. E onde há luz, há uma porta aberta para nós. (O Coro se arruma com roupas de guerra. Na seqüência que se segue, os diálogos serão articulados em função de uma guerra sangrenta desempenhada pelo Coro).

ATRIZ D QUE FAZ DESDÊMOMA  
(Colocando a roupa de sua apresentação da peça Otelo)  
Eu vou embora. É impossível ficar com alguém como você.

ATOR C QUE FAZ OTELO (Na cama, de cuecas, as mãos nos órgãos,frustrado pelo sexo não realizado.)  
Ah, vai fugir. Depois eu é que sou o covarde!

162

Documenta

D  
O que você vai fazer? Vai me prender? Vai me matar?

C  
Fez o que fez, ficou aí me acusando de tudo e agora...

D  
Você nunca entende, não é? Você é sempre o pobrezinho do homem que nunca entende.

C  
A gente estava na cama e daí você, do nada, foi ...

D (Ele se levanta e vai até ela, pensando ainda reverter a situação.)  
Então a culpa é minha?! É isso que você quer dizer. A culpa é...

C  
O que você quer, heim? Me diz: o que você quer que eu faça?

D  
Tire as mãos de mim!

C(surpreso)  
Mas, mas você está pensando o quê?!!

D  
Tire as mãos de mim que eu já sei onde isso vai dar.(Sai do apartamento. Entra Iago comemorando.)

ATOR A QUE FAZ IAGO (Ele vai girando em volta de C, como que conhecendo e mostrando o quarto.)

O quarto todo preparado, a cama, a luz...

C ( Sentado na cama , confuso, mais frustrado.)

A última pessoa do mundo que eu queria ver hoje era você.

A

Realmente um lugar bonito demais prá se ficar só.

C

Ela vai voltar. Quando acabar a temporada, tudo vai se resolver.

A

Você conseguiu mesmo arrumar a cena. Dá vontade até de ser sua mulher.

C

Uma noite dessas e eu ainda te acerto forte com a espada.

A

Mas não adianta nada o quarto sem ela, não é? É para isso toda essa cena, todo o esforço para estar aqui com a mulher. No fim das contas, é a única coisa que importa.

C

Mais um bosta que fala, fala sem parar!

A (Falando junto de C)

Mas nesse momento ela desceu as escadas e se encontrou com Cássio. Ela chora, está triste e você sabe bem por quê. (No ouvido de C) Cássio vai ouvir o que ela tem prá falar. Cássio vai amar ouvir cada palavra, todas as que a mulher precisa dizer. E entre eles vai crescer uma vontade de estarem juntos, cada vez mais próximos, longe desse quarto onde tudo acaba. (Se afastando de C) E você, meu amigo, não pode mais fazer nada. Pois ela se foi. Mesmo que você traga a mulher de volta, mesmo que você amarre o corpo dela na cama e a enterre aqui dentro, ela já saiu desse quarto. A mulher estava tão perto de você e num instante, num fôlego, tudo se perdeu, para sempre.

C (levantando-se)

É o que você quer, não é mesmo? É o que você sempre quis. Por isso me cercava com esses seus olhos. Desde os primeiros ensaios, a mesma coisa, o olhar em tudo que eu fazia, me roubando o tempo inteiro.

A

Agora ela conversa com Cássio, um em frente do outro, o mesmo ar em seus pulmões. Ela já está dentro dele, assim como Cássio no mais profundo dela.

C (puxa A para sua direção)

Olhe para mim, seu merda. Sempre querendo meu lugar, torcendo para que eu errasse ou ficasse doente, ensaiando as minhas partes, desejando tudo o que o que é meu. Você me procurava em todas as coisas. Aonde quer que você fosse, você me buscava. Pois agora, aqui em meu quarto, a luz acesa, a cama preparada, você conseguiu, seu idiota, você me encontrou. Agora somos só nós dois e o que vai acontecer? Você acha que eu vou fugir ou chamar outra pessoa? Somos só você e eu, frente a frente, de verdade, e não o seu amiguinho de merda ou minha mulher. E o que você vai fazer então, heim? Vai me beijar? Vai me morder? Vai gritar ou morrer de rir? (Joga A no chão. C fala cercando o homem caído.) Você é um bosta, uma provocação inútil. Passou o ano inteiro, dias e noites se preparando, fazendo o que podia para estar aqui. E então some, desaparece, se enfia dentro dessa visão maluca. Seu merda! Merda! Achando que é a figura da peça! Seu bosta, bosta, bosta de merda! Péssimo ator, horroroso, um lixo! (Puxa C e o leva contra a parede, para espancá-lo. O Coro prepara uma sala de tortura com uma mulher ao centro, duplicando a cena. Cada frase de Otelo é um soco em Iago). Você alguma vez acreditou de verdade que essa conversa toda sobre minha mulher poderia me afetar? O pai dela mesmo disse que ela era indigna de confiança e amaldiçoou nossa vida. Outros falaram do perigo de se apaixonar por uma jovem atriz. Mas ela é meu prêmio. Eu mereço a mulher por tudo que eu já fiz. Amanhã a noite é a última apresentação, a consagração. E você não vai me perturbar. Nem você, nem ninguém. Eu vou fazer de tudo para que as coisas continuem como estão.

(Em uma escada, conversam B e D)

ATOR B QUE FAZ CÁSSIO

É perigoso sair assim sem rumo pela noite.

ATRIZ D QUE FAZ DESDÊMOMA

Perigoso é viver com esse homem, com qualquer um.

B

Volte para sua casa, antes que alguém espalhe mentiras.

D

Uma mulher não pode conversar com um homem sem que isso vire acusação. Uma mulher não pode andar pela rua sem ser percebida. É impossível não ser vista, invadida, arruinada. É como uma ameaça, uma ameaça eterna, desde que se nasce.

B

Mas sempre foi assim. É por isso que precisa de proteção e...

D

Que proteção coisa nenhuma! Você é igual a ele. Vocês são todos iguais. Eu não preciso de nada, ouviu? Eu não preciso precisar disso. Agora porque tem que ser assim, vocês

se apresentam como heróis e tornam a minha vida uma desgraça. Mas eu também não quero mais isso. Eu recuso toda essa ajuda. Eu vou ficar aqui até o fim, falando e gritando, até que alguém me ouça e saia dessa escuridão e grite também, bem alto. E , quem sabe, por essa terrível gritaria, alguma coisa alguém me ouça e meu sangue não seja derramado. Você me entendeu, seu merda? Você está me entendendo agora? Quer que eu repita, que dance e cante tudo outra vez?

B(perturbado)

E a porcaria do Iago dizendo todas aquelas bobagens sobre amor e mulher, me fazendo perder um tempo enorme com essa loucura. (Pega no braço dela.)Vamos, vamos, minha senhora. Vamos pro quarto. A senhora vai se entender é com seu marido. Eu não tenho nada a ver com isso. A senhora pode falar e berrar o que quiser. Mas não prá mim. Eu não tenho culpa alguma. A senhora que descarregue esse monte de coisas lá no seu quarto, o mais longe possível daqui.(Empurrando a mulher para que ela volte para o quarto)

D(Andando contra a sua vontade)

É o que eu esperava. Você não entendeu nada. Seu burro, burro. Todos vocês!

B

E pensar que eu quase acreditei que você...

D

Burro, burro: me largue, você é igualzinho ao outro.

B

Ô noite estúpida, noite de merda!

D

Me deixe aqui, não me leve de volta para o quarto!

B

Cássio vai sorrir, Otelo enlouquecer...

(NO QUARTO. Quando C começa a pensar a partir dos estímulos de A. )

ATOR A QUE FAZ IAGO (Ferido e cansado de apanhar. Continua a dupla tortura.)

Não é em mim que você tem de bater, meu amigo!

C

Quantas vezes eu preciso te machucar prá você calar a boca!

A

Você pode me ferir e fazer sangrar que nada, nada vai me impedir de dizer o que eu tenho de dizer.

C

Falar, falar, falar. A noite inteira é gente falando no meu ouvido.

A

Me ouça então. Veja o que eu falo. Você sabe bem o que vou dizer.

C

Você não precisa falar mais nada. Apenas saia de minha casa.

A

Meu caro Otelo, nosso Otelo de hoje, olhe mais, veja melhor. Ela saiu faz é tempo. E Cássio também. E você aqui me esmurrando. Como devo dizer isso? Como devo me pronunciar? Aí estão os fatos, a verdade honestamente colocada. Eu ainda preciso argumentar? Diante de tudo isso, eu preciso te persuadir? (Com todas as sílabas:) Ela não te quer mais. De repente, foi o que aconteceu. Depois de uma noite de amor, ela mostrou um outro rosto. O gozo foi insuficiente, todas as noites de antes não serviram para nada. Você sempre fez o seu melhor, sempre honrou a sua forte presença. Tudo estava aqui nesta cama, toda a sua ciência. E num instante, num breve momento sem resposta, ela, dona de si, alheia a todas essas coisas, insensível a você e a esse empenho, ela, a mulher, Otelo, ela somente, a mulher sussurrava dentro de si, na escuridão do quarto, no fundo dos lençóis, 'adeus', 'adeus'. Mesmo com você dentro dela, a mulher abria seu espaço de fuga para longe do teu rosto. Mesmo com você usando todos seus músculos para contê-la, a mulher corria firme prá outros braços. Pois ela esperou você ficar fraco prá te surpreender, prá dizer suas palavras, prá te ferir no rosto. E você nunca mais vai conseguir calar aquilo que passeia em teus ouvidos, nunca mais vai conseguir fechar teus olhos. Ela quis assim, ela não te quer mais. O gozo foi insuficiente, e ela te diz adeus.

C (Se afastando, perturbado, pensando, não querendo aceitar essa realidade que Iago anuncia)

Ela não falou nada disso, seu estúpido. Você nem estava aqui. Você não sabe de nada.

A

Então por que você me bateu tanto? O que você quer esconder? Se ela não te quer, que culpa eu tenho?

C (Volta-se para Iago.)

Se é assim, por que ela não disse... não me... Mas não, ficou aí se fazendo de Desdêmona, angustiada por não sei o quê e me culpando.

A

É assim que elas fazem quando não querem dizer a verdade. Tudo é outra coisa, maior e mais intensa. Mas o que realmente está acontecendo é que elas vão partir.

C (Lembrando. Falando consigo.)

Sáimos, jantamos, viemos prá cá, estava tudo bem, eu ali pronto e, de repente, sem explicação, ela começa a falar e me perguntar se eu a amo.

A (Crescendo, por saber ter cravado os dentes em Otelo.)

Viu? Não te disse? Ela exige o que não pode dar em troca. Sempre a mesma pergunta! E o que ela quer saber que já não sabe? É isso, meu amigo, isso mesmo!

C

Depois se transformou na personagem da peça e ficou exigindo de mim que eu mudasse tudo, que eu deixasse de fazer o que sempre faço, para salvá-la desse mundo que ela dizia estar vendo.

A (Exibe-se, a partir do coro, uma mulher em uma cadeira, mãos atadas, olhos vendados. Fila de torturadores, que a chicoteiam)

Uma doença, meu caro, uma terrível doença é o que elas têm. Onde já se viu erguer um tremendo espetáculo desses prá desviar a atenção da verdade?!

C

E depois, frente à minha completa surpresa e ignorância, começou a me acusar, como se eu fosse o culpado de todos os sofrimentos e angústias e desgraças que as mulheres de todas as épocas e nações sofreram ou vão sofrer.

A

Que farsa! Que terrível farsa, com o único propósito de fazer com as pessoas pensem o pior de você, para ocultar o que realmente ela está fazendo.

C

E então por causa disso eu me torno no homem mais terrível que já existiu, alguém capaz de matar a sua própria mulher por causa de um engano, de uma mentira, por causa da merda de uma mentira inventada e produzida pela minha própria mulher ?

A

Pois enquanto você fica confuso, ela age. Enquanto você se perturba, ela aproveita. Todos os caminhos estão abertos para a mulher. Ela conseguiu sair do quarto, escapou disso que ela transformou em prisão e tortura. As mãos de seu homem se tornaram instrumentos de dor e humilhação. Você acabou com os sonhos dela. Por tua causa ela foi esquecida e abandonada. Você fez com que ela pensasse que não poderia conseguir coisa melhor que essa cama. Mas ela quer mais, muito mais.

C (Com as mãos na cabeça, como se estivesse tendo uma enorme dor de cabeça, diante da revelação.)

Mentira!!! Uma tremenda de uma mentira tudo isso, Iago! Aquela desgraçada me enganou!

A

Na verdade, ela vem te enganando faz é tempo.

C

Me fazer acreditar, querer que eu acredite nisso, que me torne um monstro, para ela se ver livre, feliz. Como eu poderia viver assim, carregando a miséria dessa culpa horrível, horrível? Mas ela deve ter planejado tudo ao me escolher como alvo. (Cai na cama e segura os lençóis com força)

A

Nenhum detalhe passou despercebido por ela.

C

Como eu poderia pensar que alguém seria capaz de fazer isso? Agora que eu perdi o sentido, eu não tenho mais valor algum.

A

E a história continua. Agora será com Cássio. Quem sabe o que virá depois...

168

Documenta

C

Uma raiva enorme me comanda e eu vou obedecer. Estou totalmente aberto e fora de mim. Eu preciso fazer algo, Iago, eu preciso arrebentar essa ferida.

A

Faça o que deve ser feito.

(Fora do prédio )

B (Sentado no chão, segurando uma garrafa de bebida, as mãos dentro das calças. O Coro desempenha um harém que adormece Cássio em sua embriaguez)

Que a mulher faça o que quiser! Eu não me importo. Não quero saber. Nada vai acontecer por minha causa. Se eu subisse as escadas e o marido dela me visse... Iago, os olhos de Iago! ... Mas nada vai acontecer mesmo. Ela é bela e linda, e eu a quero. A bosta do Iago! ... Bem que eu gostaria que ela ... A pior coisa é uma noite assim, a bebida, tudo pronto e nada. Mas eu quero... Como eu quero... Sua boca em minha boca, o cheiro de seus cabelos... O calor de sua pele, de toda a sua pele em meus dedos... Ai , mulher! Que merda! Ah, que coisa boa, ah como é gostoso. Aqui ó, é isso. Pega aí, vai: pega tudo. Que merda! Como isso é bom! Que bosta de merda! Como essa mulher é linda, é linda. Ah.... Ah...

(Nas escadas)

D (Enquanto Desdêmona fala, o Coro vem deslizando pelo chão em situação de ataque. Aos poucos vão tomando conta do corpo dela até que ela pare de falar)

Quando fui embora de casa, meu pai se sentiu traído. Ele sofria no meu lugar, como se fosse a mulher de meu homem, como se fosse dormir e fazer amor com um homem to-

dinho seu. Meu pai só conseguia me ver sofrendo e sentindo dor por que eu nasci apenas prá fazer amor com outro homem. Então, traído e rasgado por dentro, ele parou de falar comigo, com outros, cheio de vergonha e medo de se ver em uma cama amando. Eu podia ver em seu rosto as marcas das unhas fechando os olhos para não ver nunca mais o medo. Daí eu saí de casa prá nunca mais voltar. E vi outros homens como meu pai, culpados por se sentirem como mulheres, com medo, homens com medo do violador. E em nenhum outro pude ver senão isso: o pavor de ser mulher, o pavor de virar mulherzinha na cama. Por isso não olham, não ouvem, não conseguem a mulher. Fogem da mulher como fogem do violador. Então sempre se sentem traídos, enganados, porque a mulher traz consigo aquele que violenta e apavora. A mulher prepara, pelas carícias, a invasão dolorosa. E todos os homens, como meu pai, não querem entender que continuam entregues a seus delírios e pesadelos, enquanto dormem com a mulher. E eu cansei dessa história, cansei de ser a masturbação anônima e mentirosa e resolvi falar. Pois a mulher não tem de morrer! Ela não precisa ser isso! E vou fazer de tudo quando entrar de novo nesse quarto para que ela não morra. Mesmo que esteja escrito, mesmo que esteja decidido no coração de alguém que ela deva morrer, eu vou romper a moldura, vou rasgar a máscara e lutar, lutar com todas as minhas forças para não morrer, para continuar existindo ali em frente de todos, além da garganta sufocada, além da palavra, da sílaba, do som que ultrapassa o ruído da vida deixando o corpo para se perder no ar. (O Coro arrasta a Atriz C para dentro do quarto.) Por que nenhuma mulher deve morrer mais, nenhuma, em palco algum! Nenhuma mulher deve vir à cena para morrer e ser morta, violentamente, como se isso fosse a única coisa que restasse para ela! Chega! Estão matando alguém, de verdade, de verdade! Ouçam, ouçam, estão matando alguém de verdade, de verdade...(Calam a atriz C com uma fita.)

C

Por que ninguém consegue fazer essa mulher parar de falar? Eu não agüento mais! Iago, me ajude!

A

Você sabe o que deve fazer! Todos aqui estão esperando!

C (vira-se para D calada pela fita na boca e segura o rosto dela)

Por que heim, por que fez isso? Quem é você, me diga, quem é você?

A

Ela não vai dizer mais nada. A melhor coisa é isso..

(Entra Ator B bêbado. C se arremessa contra ele.)

C

O que você fez com ela? Vem Iago, me ajuda, me veste! (Iago traz a roupa do personagem Otelo para C. Ao mesmo tempo, A se veste também de Iago. O Coro toma assento como

uma platéia prazerosa em ouvir e ver o pior: a cena que se arma ) Eu vou mostrar prá esse monstro o que o ele deve sofrer. Que os céus me inspirem a não tirar o mal do mal. Há tanta necessidade de morte, e a hora do jantar já passou. ( Ator C, praguejando, espanca B, enquanto Ator A veste ator B com roupas de dormir de Desdêmona. Ao fim, B é jogado desacordado na cama. Durante a sessão de espancamento, D consegue se desvencilhar da fita em sua boca e canta a “Canção do Sicômoro”. Após cantar, ela se senta em canto mais ao fundo e distante do centro da cena para observar com horror, contrastando com a platéia do Coro, a representação distorcida da cena II do Ato V de *Otelo* de Shakespeare. Iago segura uma luz para que Otelo faça o que tem de fazer. )

OTELO (Ator C)

Essa é a culpa, a culpada, minha alma!

Não me peçam seu nome, oh céus sem mancha.

Ela!!! Mas não vou derramar seu sangue;

nem ferir pele mais branca que a neve,

leve e suave escultura de vento.

Mas deve morrer, não trair mais homens.

Apague-se a luz e apague-se a luz:

(para a lâmpada que Iago segura)

Se eu te calo, oh ardente condutor,

posso recuperar tua antiga voz

quando quiser. (para ator B) Mas a tua luz não,

oh mais dissimulada coisa do mundo:

não sei mesmo onde possa estar o fogo

que te acenda. Quando arrancar a flor,

não poderei restituir sua seiva.

Ela vai murchar. E eu sentir seu cheiro.

(Otelo beija ator B, uma mordida que arranca sangue. Ele acorda assim violentamente e se contorce e grita e puxa os lençóis, mas é seguro firmemente por Iago que o amarra e amordaça. Desanimada, ATRIZ D suspira sua canção. Otelo vai tirando a camisa como quem vai fazer sexo selvagem e violento. O Coro fica excitado e come mais pipocas e comenta o que vai acontecendo, torcendo pelo pior.)

Ah perfume suave, que quase faz

a justiça quebrar sua espada (novos beijos terríveis). Beija!

Isso, até morrer. Eu vou te matar

e te amar depois. Beija, que é o último:

doce e mortal. Deveria chorar

mas é terrível: os céus me agridem,

ferem onde mais amo. Acorda, puta!

ATOR A QUE FAZ IAGO (Falando por Ator b que faz Cássio. Voz de mulher. Ele parodia a vítima, zombando de seus medos e honestidade)

Quem está aí? Otelo?

OTELO

É, sua burra!

Ou você esperava outro homem?!!

IAGO

Já vem prá cama, meu senhor?

OTELO

Já pediu perdão aos céus, puta?

IAGO

Sempre!

OTELO

Se você, puta, lembrar de algum crime  
ainda não confessado aos céus  
fale agora!

IAGO

Ai, meu senhor, não sei de nada, nada!!

OTELO

Olha: fale agora e seja breve, puta!(Andando em volta da cama, mirando o golpe, arrumando a posição do corpo de Cássio, que vai ficar de quatro, tudo com a ajuda de Iago).  
Não mataria alguém despreparado.  
Não, pelo céus! Tua alma não, puta!

IAGO

Matar? Matar?

OTELO

É, matar!

IAGO

Que os céus  
tenham pena de mim!

OTELO (a mão no coração)

Amém, amém!

IAGO

Isso, amém, com fé, mas não me mate!

OTELO

Ãhã!

IAGO (gemer)

Ai, que não há como fugir do medo  
vendo teus olhos de um lado para outro  
buscando achar culpa em mim que eu não tenho.

OTELO

Pensa nos teus erros.

IAGO

Errei só em te amar.

OTELO

E por isso vai morrer.

IAGO

Que aberração esta - amor e morte!?  
Ai, porque você está mordendo os lábios?  
Desejo de sangue agita teu corpo.  
Maus presságios. Mas eu espero mesmo  
que não me atinjam.

OTELO

Cale a boca, quieta!

IAGO

Vou calar. Mas por quê?

OTELO

A cama, os lençóis - tudo que eu amei  
você deu pro Cássio!

IAGO

Não, por minha vida e alma!  
Pergunte prá ele!

OTELO

Cuidado, puta de merda,  
com a mentira: essa cama é tua tumba! (pula na cama e fica atrás de Cássio que está de  
quatro. Pega no pescoço dele com uma mão e com a outra se apoia no corpo de Cássio  
para fazer movimentos de sexo)

IAGO

Não, não quero morrer!

OTELO

Mas vai, e logo.

Então vai falando, tudo, confessa!

Pois não adianta jurar que não fez.

Nada vai sufocar esse desejo  
meu que geme pelo teu corpo morto.

IAGO

Ninguém vai me ajudar?

OTELO

Amém, amém!

IAGO

Então você, Otelo, me ouça: eu nunca  
fiz algo contra ti. Nunca amei Cássio  
nem outro homem com o mesmo amor  
que eu te amo! Nunca, meu amor, nunca!

OTELO

Pelos céus, eu vi, a cama, os lençóis!!  
Putá falsa, roubou meu coração,  
e quer que eu considere assassinato  
o sacrifício purificador  
que estou fazendo?!?! Mas eu vi, eu vi!

IAGO

Viu o quê, Otelo?

Viu o quê? Mas o que você quis ver?

Confesse você a verdade!

OTELO

Eu já conheço a verdade!

IAGO

Qual é?

OTELO

Você é uma vagabunda!

IAGO

O que?

OTELO

Vagabunda!

IAGO

Não, você não disse isso!

OTELO

Por acaso estou com a boca amarrada?

O honesto Iago me fez ver tudo!

IAGO

O medo me faz ver melhor. É inútil!!

OTELO (Puxa os cabelos de Cássio para se apoiar no ato de sexo)

Se teus cabelos fossem muitas vidas  
para cada eu teria uma boca!

IAGO

Que horror! Você; enganado; e eu, destruída!

OTELO

Sua puta! Em minha frente, aos prantos, por ele!

IAGO

Me mande embora, mas não, não me mate!

OTELO

Fica aí, sua puta!

IAGO

Essa noite não... me mate amanhã!

OTELO

Não! Quietinha!

IAGO

Meia hora, meu Deus!

OTELO

É tarde demais!

(Asfixia Cássio. O coro que vinha acompanhando tudo se apavora e se dispersa, correndo de um lado para outro em desespero. Os gritos sufocados na garganta, o rosto vibrando um apelo não expresso, os olhos abertos ao máximo. Otelo, arfando, recompondo-se, pende sobre o corpo morto do ator B que fez Cássio vestido de Desdêmona. Ao ver o coro se dispersando, Otelo fica sem entender, como se despertasse de sua loucura. Olha para Iago que lhe volta as costas. Otelo, aos poucos, começa a entender que tem um cadáver entre suas pernas. Otelo puxa suas calças que estavam arriadas e, envergonhado, se veste, olhando de um lado para o outro, temendo ser pego em flagrante. A atriz D que faz

Desdêmona, com esforço e ódio, tenta a todo custo tirar a fita de sua boca. Iago começa a rir, repetindo 'Idiota! Idiota'. O coro, ao fim se reestrutura e forma um batalhão de linchamento que se arremessa como um golpe fatal contra Otelo. Em meio ao linchamento, Desdêmona enfim consegue tirar sua fita na boca. Desdêmona então vai se arrastando para ver a destruição de Otelo. A peça termina com os sons dela se arrastando e o som de sua respiração, seu esforço para estar ali, sua voz conspirando para continuar viva. Nesse cansaço, por fim, ela sussurra a Canção do Sicômoro. Em plena escuridão, Iago das sombras vem andando para o público, com uma espada na mão e fala)

#### OTELO

Por acaso eu preciso de alguma razão fazer o que eu fiz? Falem! Respondam! Eu preciso mesmo de uma razão? E se eu apenas quisesse e pronto, heim? E se você, é, você também quisesse? O que você quer fazer? Me fala! E você? Não há ninguém no mundo, uma pessoa só que você não gostaria de enfiar uma espada? Uma, uma só. Pense bem, olhe em volta! Olhe! Procure! Não pare! Continue! Eu tenho certeza que você vai encontrar! Vamos, não desanime! Há pelo menos uma pessoa, uma só esperando toda a tua atenção, todo o seu carinho. No momento apenas uma. Ela. E você está esperando o quê? (Se afastando para o palco) Por acaso você precisa de alguma razão prá isso tudo? Me fale, me responda: e se você apenas quisesse e pronto. Mais nada. Uma pessoa só prá todo mundo saber. Todo mundo. Todo mundo.

FIM